

A construção do discurso negacionista frente à pandemia da Covid-19 no Brasil: um recorte da fala presidencial de Jair Messias Bolsonaro

The construction of the negationist discourse in around Covid-19 pandemic in Brazil: an excerpt from the presidential speech of Jair Messias Bolsonaro

Vanessa Aline de Souza Almeida Aivi
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-8468-7684>

e-mail: vanessaaiivi@hotmail.com

Rosemere de Almeida Aguero
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-7250-4206>

e-mail: rosemere@uems.br

Recibido: 25/09/2021

Aprobado: 17/11/2021

RESUMO

O presente trabalho trata do discurso negacionista frente à pandemia da Covid-19, enunciado em rede nacional pelo presidente da República, Jair Messias Bolsonaro. O objetivo é analisar pelo viés dos estudos discursivos como é construído o discurso negacionista do presidente frente à pandemia da Covid-19, quais as práticas discursivas do sujeito enunciativo, qual a formação discursiva (FD) com a qual se identifica esse sujeito e quais os efeitos de sentido são instaurados em seu discurso. O corpus do estudo é constituído por 5 (cinco) sequências discursivas (SD) extraídas do pronunciamento do presidente à nação brasileira, analisados na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa (AD), a partir da voz teórica de Michel Pêcheux. A metodologia inclui o fechamento do espaço discursivo, o levantamento das condições de produção, a individuação da formação discursiva na qual se inscreve o sujeito e a identificação da posição-sujeito e dos efeitos de sentido presentes em seu discurso. As análises mostraram que o discurso do sujeito Jair Messias Bolsonaro inscreve-se na formação discursiva (FD) de chefe de estado e a sua posição-sujeito é de negação à gravidade da doença e à necessidade de medidas mais restritivas para o controle do vírus. Os efeitos de sentido instaurados nas sequências discursivas (SD) evidenciam a posição-sujeito negacionista do enunciativo e apontam a primazia de questões econômicas sobre as emergências de saúde, menosprezando a periculosidade da doença.

Palavras-chave: Discurso, negacionismo, Covid-19, Jair Messias Bolsonaro.

ABSTRACT

The present article is about negationism discourse around Covid - 19 pandemic condition, declared in national media channels by the president of Brazil. Jair Messias Bolsonaro, the aim of this article is analyses by the interpretation pattern of discursive studies how that president negationist discursive is formed during Covid - 19 pandemic, which enunciator subject discursive practical's, which the president discursive formation (DF) can be identified and which meaning effects are realize by his speeches. The article corpus is built using 5 (five) discursive sequences (DS) from the president pronouncements to Brazilian nation, analyzed by Discourse Analysis (DA) perspective, of French line, as from Michel Pêcheux theoretical voice. The methodological strategies used in this article include limiting discursive space, survey of production conditions, individuation of discursive formation in which subject is defined and subject position identification than meaning effects present in his speech. Our analyses shown that Jair Messias Bolsonaro subject discourse is inscribed in a state chief discursive formation (DF) and his subject position is of disease gravity denial and also deny take some decisions to restrict and control virus spread. The meaning effects establish in discursive sequences (DS) show a negationist subject position of enunciator and indicate economic matters primacy over health emergencies, underestimating disease dangerousness.

Keywords: Discourse, negationism, Covid-19, Jair Messias Bolsonaro.

INTRODUÇÃO

No fim do ano de 2019, o mundo volta suas atenções à China, especialmente à cidade de Wuhan. Notícias sobre o surgimento de um novo vírus, o SARS-CoV-2 tomou conta das manchetes internacionais. A doença, classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como Covid-19, junção de letras que se referem a *(co)rona (vi)rus (d)isease*, o que na tradução para o português seria "doença do coronavírus", acrescidas do número 19 que representa o ano de surgimento, caracterizada por sintomas respiratórios, apresentava altas taxas de contágio e logo transformou-se em uma epidemia.

Em 11 de março de 2020 a OMS eleva o estado da contaminação à pandemia¹, pois já estava presente nos cinco continentes e apresentava níveis alarmantes de contaminação.

O Brasil teve o primeiro caso confirmado do novo coronavírus em 25 de fevereiro de 2020² na cidade de São Paulo e logo começaram a surgir casos em todo o país. Muitos desacreditavam da gravidade da doença, que foi chamada de “gripezinha” e “resfriadinho”³ pelo próprio presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, que sempre se posicionou contra o isolamento social e medidas mais rígidas para contenção do avanço do vírus.

A propagação da Covid-19 passou por diversos estágios, que refletiam na percepção da população acerca da doença. No início, havia quem desacreditasse que era verdadeira, pelo fato de não conhecer ninguém próximo que houvesse contraído o vírus. Após o aparecimento de casos em todos os estados e cidades, passou-se a questionar o número de vítimas, mesmo os dados sendo oficiais e veiculados pela mídia televisiva, impressa e digital, que inclusive reproduzia em imagens o superlotamento dos hospitais e cemitérios. Uma onda de negação

¹ Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-virus-recebeu-o-nome-de-covid-19>. Acesso em 22 jul. 2021.

² Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>. Acesso em 22 jul. 2021.

³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em 15 mar. 2021.

da doença tomou conta do país. Muitos acreditavam que tudo aquilo que era mostrado nos jornais não passava de encenação, que na verdade os hospitais não estavam abarrotados e até que os inúmeros caixões enterrados diariamente estavam vazios.

A PANDEMIA DO NEGACIONISMO

Em 2019, o Instituto Datafolha divulga uma pesquisa⁴ que aponta que cerca de 7% dos brasileiros, aproximadamente 11 milhões de pessoas, acreditam que a Terra é plana, negando o que já foi comprovado pela ciência há mais de dois mil anos. Os terraplanistas não creem que a Terra é redonda, mas sim plana e estática e que não gira ao redor do sol.

Não é recente a criação de teorias e interpretações alternativas que contestem fatos já comprovados pela ciência ou pela história. Questionamentos sobre a ocorrência ou não do Holocausto (genocídio cometido pelos nazistas ao longo da Segunda Guerra Mundial e que vitimou aproximadamente seis milhões de pessoas, na maioria, judeus) são comuns, mesmo diante de provas, como fotos, documentos e relatos pessoais.

Outro acontecimento histórico negado por um número expressivo de pessoas é a chegada do homem à lua, feito realizado pela primeira vez há 52 anos, comprovado por meio de transmissão televisiva simultânea e, inclusive, repetido em seis viagens posteriores.

Essa prática tendenciosa em recusar a verdade e os fatos tornou-se evidente nos discursos de uma parcela da população diante da situação de pandemia enfrentada recentemente. A descrença na doença ou na sua gravidade, a não compreensão da importância das medidas preventivas, o não atendimento às orientações das autoridades de saúde, em relação a evitar o uso de medicamentos sem eficácia comprovada e, por fim, a incredulidade na vacina, são os principais reflexos do pensamento negacionista nesse cenário.

A ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA (AD)

A Análise do Discurso de linha francesa (AD) pode ser compreendida como uma disciplina de interpretação, que busca articular três campos teóricos: a Psicanálise, a Linguística e o Materialismo Histórico.

O objeto de estudo da AD é o discurso, que é definido por Pêcheux como “um efeito de sentidos entre os pontos A e B” (Pêcheux, 1997, p. 81), noção reformulada por Orlandi (2001, p. 21) para “efeito de sentidos entre interlocutores”.

A AD tem como precursor Michel Pêcheux, filósofo francês que propõe uma abordagem materialista do discurso. No ano de 1969, Pêcheux publica sua tese *Analyse automatique du discours* (Análise Automática do Discurso) inaugurando uma nova teoria em torno do discurso que é “pensado sob o modo de uma ruptura epistemológica com a ideologia subjetivista que reina nas ciências sociais e regula a leitura dos textos” (Maldidier, 2003, p.44), contrapondo-se, assim, ao Estruturalismo e ao Gerativismo que estavam em evidência na época.

A trajetória teórica de Pêcheux passa por três fases de construção, desconstrução e reconfiguração. Tal divisão temporal é sugerida pelo próprio teórico em seu texto *A análise de discurso: três épocas* (Pêcheux, 2010b, p. 307) publicado em 1983.

⁴ Disponível em: <https://istoe.com.br/para-milhoes-de-brasileiros-a-terra-e-plana>. Acesso em 26 jul. 2021

A PRIMEIRA FASE DA AD - CONSTRUÇÃO

De acordo com Malidier (2003, p. 40), a AD surge em 1969 em meio a um contexto político e intelectual bastante agitado. A França vivenciava revoltas e manifestações contra o plano interno do governo do general De Gaulle que termina por renunciar, após a derrota em um referendo sobre reformas no senado. No campo das ciências e estudos da linguagem, o Estruturalismo prevalece, porém o Gerativismo chomskyano começa a emergir.

Paralelamente, Louis Althusser aponta um novo caminho para as reflexões acerca da ciência linguística propondo uma abordagem marxista centrada na ideologia, buscando também na psicanálise de Freud e Lacan respostas aos seus questionamentos. Traz o conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) que torna-se o ponto-chave de sua teoria, a qual, segundo Malidier (2003, p. 48), teve bastante influência sobre Pêcheux.

É um período de grande efervescência e produção intelectual. Michel Foucault publica *A Arqueologia do Saber* e Lacan profere o Seminário 17 intitulado *O Averso da Psicanálise*. Concomitantemente, Michel Pêcheux lança *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*, tese universitária defendida pelo filósofo-linguista no ano anterior. A partir de então, segundo Denise Malidier, constitui-se na França um novo campo de pesquisa, “[...] e desperta o interesse em torno do novo objeto, a saber, o discurso” (Malidier, 2003, p. 41). A linguagem passa a ser compreendida como algo não transparente, pois os sentidos são construídos a partir de gestos de interpretação. Segundo Orlandi, “o sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua- com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos” (Orlandi, 2001, p. 47).

A AAD-69 é para Pêcheux “o ponto de partida da aventura teórica do discurso” (Malidier, 2003, p.42). Conhecida também como máquina discursiva (título dado anteriormente por Pêcheux à obra) a AAD-69 trouxe a definição de procedimentos de Análise do Discurso, articulando três campos disciplinares: a Linguística, o Marxismo e Psicanálise.

Desta forma, como afirma Malidier (2003, p. 44), Pêcheux concebe o discurso a partir do corte saussuriano (língua e fala). Toma a língua, assim como Saussure, como estrutura e reformula a fala que passa a valer-se de elementos exteriores à Linguística. Diferentemente das teorias de ideologias subjetivistas, que até então reinavam, o discurso passa ser fundamentado na língua e na história.

O conceito de condições de produção (situações em que se produzem os dizeres) configura o princípio constitutivo de análise do corpus. Nesta primeira fase, o corpus é compreendido a partir de condições de produção estáveis e homogêneas, “visto que as condições de produção presidem a seleção das sequências que formam o espaço fechado do corpus” (Malidier, 2003, p. 45).

Outros conceitos foram apresentados pela AAD-69, como processos discursivos, formações imaginárias e relações de força. É, como afirma Malidier (2003, p.43), a teoria do discurso em seu estado embrionário. Porém, trata-se de uma obra fundadora e de grande relevância para o estabelecimento da Análise do Discurso enquanto disciplina.

A SEGUNDA FASE DA AD - DESCONSTRUÇÃO

A segunda fase da AD compreende o período entre 1970 a 1975. Nela Pêcheux busca estabelecer a compreensão do discurso “como lugar em que se estabelece a relação entre a

língua e a história” (Maldidier, 2003, p. 48) e aprofunda-se na teoria de Althusser sobre a ideologia e interpelação dos sujeitos.

Em sua obra “Les vérités de La palice”, livro lançado em 1975, na França, traduzido em 1988, no Brasil, e publicado como Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio, Pêcheux amadurece a sua teoria do discurso, com o enfoque na materialidade do sentido. Nega a origem enunciadora de um sujeito intencional, independente e que pensa livremente. Deste modo, “O sujeito é desde sempre um indivíduo interpelado em sujeito (pela ideologia)” (Pêcheux, 2009a, p. 141). Assim, a evidência do sujeito é somente um efeito ideológico, pois o indivíduo é sempre-já-sujeito.

Nessa segunda fase, Pêcheux irá introduzir o conceito de Formação Discursiva (FD), componente da Formação Ideológica, compreendido como “[...] aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, [...] determina o que pode e deve ser dito [...]” (Pêcheux, 2009a, p. 147). Esta noção se tornará o núcleo de sua teoria do discurso. A partir desse conceito é possível estabelecer uma relação entre a história, a ideologia, o inconsciente e o discurso. Para Pêcheux “[...] as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam [...]” (Pêcheux, 2009a, p. 146). Desta forma, é na FD que o sujeito se constitui e produz sentidos.

Outro conceito desenvolvido por Pêcheux foi a noção de interdiscurso, associado ao pré-construído e ao intradiscurso. O teórico define o interdiscurso como “aquilo que fala sempre antes, em outro lugar e independentemente” (Pêcheux, 2009a, p.163), do qual o sujeito se apropria, inconscientemente, e o reformula (intradiscurso), tendo a ilusão de ser a fonte do seu dizer. Assim, o pré-construído é o ponto de apreensão do interdiscurso.

Maldidier resume essa segunda fase da AD mencionando que, nessa etapa, a teoria propõe-se a:

[...] sustentar tudo sob a dominação de uma ideologia dominante e do interdiscurso, o sentido se constitui na Formação Discursiva, à revelia do sujeito, que ignorando seu assujeitamento à Ideologia, se crê dono de seu discurso e fonte de seu sentido. (Maldidier, 2003, p. 53)

Assim, na segunda fase há uma ideia de máquina teórica fechada, onde os sentidos são instaurados a partir da FD com a qual o sujeito se identifica e na qual a interpelação da ideologia dominante determina, através do interdiscurso, o que pode e deve ser dito.

TERCEIRA FASE - RECONFIGURAÇÃO

O início da terceira fase na teoria do discurso de Pêcheux é marcado pelo princípio da reconfiguração da máquina discursiva. A partir do texto Só há causa daquilo que falha, de 1978, Pêcheux começa a desmontar os mecanismos de interpelação ideológica construídos por ele. Trata-se de uma autocrítica à teoria do sujeito perfeitamente assujeitado à ideologia dominante. O sujeito é postulado como dividido e não há identificação plena com a FD, pois consideram-se os processos de resistência, instaurados no inconsciente, materializados no ato falho, no chiste, no sonho, no lapso e no non sense do sujeito dividido (Pêcheux, 2009b, p. 278). É um texto de remorso teórico, no qual Pêcheux se autocritica duramente e repensa alguns conceitos, avançando na teoria.

O ano de 1980 é marcado pelo recomeço. A partir do “Colóquio Materialités discursives”, Pêcheux cria um grupo de pesquisa que se dedicará a uma reconfiguração da teoria do discurso, trabalhando com estudiosos de outras áreas (historiadores, sociólogos, etnólogos, etc.). Este é um período de releituras, principalmente das obras de Michel de Certeau, Wittgenstein e Michel Foucault, que abre caminhos para os estudos de discursos em diversos campos (do cotidiano, do informal) de modo a se pensar nas ideologias dominadas. O desafio foi “enfrentar a diversidade do arquivo, de trabalhar sobre os traços da memória e, principalmente, sobre essa “memória da história” que atravessa o arquivo não escrito dos discursos subterrâneos” (Maldidier, 2003, p. 57).

Essa nova fase é marcada pela primazia do outro sobre o mesmo e pelo primado da heterogeneidade. O interdiscurso, o pré-construído e o intradiscurso permanecem como conceitos centrais, mas as FD já não são mais vistas como espaços fechados, pois abrem-se para saberes provenientes de outras FD, tornando-se passíveis de inscreverem posições-sujeito distintas. Há uma crítica aos procedimentos de análise de ordem fixa e Pêcheux propõe uma fórmula em espiral, cumulativa. Constrói, desta forma, máquinas paradoxais “que permitem, por meio de um incessante movimento de produção de novos momentos de corpus, a formulação de novas hipóteses, a abertura de novos trajetos nas descobertas das redes que constituem o enunciado” (Maldidier, 2003, p. 61).

Desta forma, a AD passa ser uma disciplina interpretativa, sem método pronto ou forma rígida de análise, trabalhando a partir de uma problemática que é passível de infinitas interpretações. O papel do analista é construir os procedimentos de análise que atendam às especificidades de sua dada pesquisa e de seu objeto de análise.

O DISCURSO NEGACIONISTA NA PRÁTICA

Nesta seção buscaremos analisar um discurso relacionado à pandemia da Covid-19 proferido pelo presidente de República, Jair Messias Bolsonaro, autoridade máxima do poder executivo, representante do Brasil perante o mundo e, por se tratar de uma figura pública, formador de opinião. Procuraremos evidenciar nas sequências discursivas (SD) recortadas, os efeitos de sentido instaurados a partir da formação discursiva (FD) na qual o sujeito enunciativo se inscreve e das condições de produção nas quais tais discursos foram enunciados.

O discurso sobre o qual nos debruçaremos é um pronunciamento do presidente da República à nação brasileira, veiculado pelo rádio e televisão, no dia 24 de março de 2020⁵, sobre as medidas adotadas no enfrentamento do coronavírus.

A íntegra do pronunciamento pode ser lida no anexo do presente artigo. Elegemos alguns recortes do referido pronunciamento para análise, os quais chamaremos de sequências discursivas (SD).

(SD1) *Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria. E, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos.* (Planalto, 2020)

(SD2) *Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro chefe o anúncio de um grande*

⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE. Acesso em 25 fev. 2021

número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. Um cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país. (Planalto, 2020)

(SD3) O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. (Planalto, 2020)

(SD4) Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa. (Planalto, 2020)

(SD5) No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. (Planalto, 2020)

Para a AD, quando o sujeito enuncia, ele marca sua posição ideológica (posição- sujeito) e o faz interpelado pela formação ideológica (FI) e formação discursiva (FD) com a qual se identifica. Por FD compreende-se “[...] aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, [...] determina o que pode e deve ser dito [...]” (Pêcheux, 2009a, p. 147).

O sujeito enunciador das SD em análise identifica-se à FD de chefe de estado e à posição-sujeito de negacionista à gravidade da pandemia do novo coronavírus, posição-sujeito identificada por meio dos itens lexicais “gripezinha” e “resfriadinho” que instauram o efeito de sentido de menosprezo, desdém e indiferença à gravidade da doença.

De acordo com Pêcheux (1997, p. 85), a posição do emissor e do destinatário do discurso é designada por formações imaginárias. Ao discursar o sujeito leva em consideração a imagem que tem dele próprio e a do outro. Pêcheux afirma que ao enunciar um discurso o emissor se faz as seguintes perguntas: “Quem sou eu para lhe falar assim?”, “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”. Por sua vez, o destinatário do discurso, ao ouvi-lo se faz os seguintes questionamentos: “Quem sou eu para que ele me fale assim?”, “Quem é ele para que me fale assim?” (Pêcheux, 1997, p. 85). O destinatário nesse caso é toda a população brasileira, incluindo-se apoiadores e opositores ao governo, pessoas que compreendem a gravidade da doença e a necessidade de medidas de contenção ao vírus e, também, pessoas que compartilham da opinião do presidente, minimizando as consequências do vírus.

Para Pêcheux, “As palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam (Pêcheux, 1997 p. 160). Assim, compreende-se que a linguagem não é transparente, pois o que existe são efeitos de sentido instaurados a partir da FD na qual os sujeitos do discurso se inscrevem.

A partir desse entendimento, analisaremos os efeitos de sentidos instaurados nas sequências a seguir:

(SD1) *Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria.*

(SD2) *[...]Espalharam [...] a sensação de pavor, [...] uma verdadeira histeria se espalhou pelo nosso país.*

O efeito de sentido instaurado nos itens lexicais “pânico”, “histeria” “sensação de pavor” é de exagero e desqualificação quanto à periculosidade atribuída ao vírus e menosprezo no que se refere ao medo da população de ser infectada. O funcionamento desses discursos conjuntamente instaura sentidos de justificativa à sociedade, por parte do Presidente, e de minimização da epidemia propondo que as pessoas continuem a viver normalmente, a despeito da doença.

Observemos agora as sequências recortadas:

(SD1) *[...] evitar o desemprego em massa.*

(SD2) *[...] brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos.*

(SD4) *Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa.*

O efeito de sentido instaurado nas discursividades “evitar o desemprego”, “brevemente passará”, “Os empregos devem ser mantidos”, “abandonar o conceito de terra arrasada”, “proibição de transporte”, “fechamento de comércio” é o de primazia da economia, mesmo em desacordo com as orientações da OMS para a contenção da pandemia. O funcionamento desses discursos remete a sentidos de urgência na manutenção das atividades econômicas, em detrimento à saúde pública. Embora mobilize o argumento de que não quer gerar pânico na população (evidenciado na SD1), os sentidos do discurso de Bolsonaro apontam para uma preocupação desmedida com os impactos da pandemia sobre a economia do país.

Por fim, nas sequências recortadas de SD5:

(SD5) *[...] pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho.*

Nas sequências “pelo meu histórico de atleta”, “não precisaria me preocupar”, “nada sentiria” “quando muito, [...] uma gripezinha ou resfriadinho” o efeito de sentido instaurado é o de menosprezo à doença. O funcionamento desse discurso instaura sentidos de minimização dos perigos da pandemia (já mencionados anteriormente), difundindo falsos sentidos, aos brasileiros, de que a prática de esportes pode proteger o sujeito de contrair Covid-19. Ao compará-la a uma gripezinha ou resfriadinho, atribui-se um sentido de algo corriqueiro, já enfrentado por muitas vezes sem grandes problemas, afirmação que vai à contramão dos

dados oficiais, que no decorrer da evolução da doença, mostraram que pessoas jovens sem comorbidades, inclusive atletas, evoluíram de forma grave, por vezes, resultando em óbito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou traçar um breve histórico da disciplina Análise do Discurso de linha francesa (AD) que teve como precursor o filósofo-linguista Michel Pêcheux. Procuramos apresentar as três fases pelas quais a AD passou ao longo de sua história: construção, desconstrução e reconfiguração.

Analizamos, ainda, algumas sequências discursivas (SD) recortadas de discursos do Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro. O discurso analisado foi um pronunciamento do presidente à nação brasileira acerca das medidas realizadas ao enfrentamento da pandemia do novo coronavírus, retirado da página do Palácio do Planalto no Youtube.

As análises mostraram que o discurso do presidente se inscreve na formação discursiva (FD) de chefe de estado e principal representante do povo brasileiro. Foi possível verificar que a posição-sujeito na qual o presidente se inscreve é de negação à gravidade da doença e necessidade de medidas mais restritivas para o controle do vírus.

Quanto aos efeitos de sentidos instaurados nas sequências discursivas recortadas do pronunciamento, reforçam a posição-sujeito do enunciador de negacionista, apontando a primazia de questões econômicas às emergências de saúde, menosprezando a periculosidade da doença. Ao minimizar os efeitos da pandemia, os sentidos instaurados pelo discurso de Bolsonaro acabam por influenciar negativamente um grande número de cidadãos brasileiros, de modo especial àqueles que o elegeram nas eleições presidenciais de 2018. Essas influências negativas perpassam questões cruciais para o enfrentamento à COVID-19, tais como o isolamento, o distanciamento social, o uso de máscaras, a adesão às vacinas, etc.

Não se pode menosprezar, entretanto, o poder de persuasão que os discursos de líderes políticos, como Bolsonaro, têm sobre a população, de modo que os sentidos instaurados em suas discursividades e, até mesmo, o comportamento que manifestam socialmente estabelecem modelos a serem seguidos por seus apoiadores, por meio de processos de identificação coletiva. No caso da COVID-19, a minimização dos efeitos da pandemia acaba sendo letal para muitos sujeitos que se identificam e acolhem como verdadeiro o discurso negacionista presidencial.

Por fim, ressaltamos que o pronunciamento analisado é extenso e passível de diversas observações e análises, mostrando-se como campo fértil a distintas indagações e interpretações, bem como ao emprego de diferentes procedimentos de análise no campo teórico da AD e de outras áreas.

REFERÊNCIAS

- Malidier, D. (2003). *A inquietação do discurso: (re) ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes.
- Orlandi, E. (2001). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.
- Pêcheux, M. (1997). *Análise automática do discurso (AAD-69)*. In.: GADET, Françoise e HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp.
- _____. (2010). *Análise de discurso: três épocas*. In.: GADET, Françoise e HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp.

- _____. (2009). Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio (1975). Trad. Eni Puccinelli Orlandiet al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp.
- _____. (2009). Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In.: Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio (1975). Trad. Eni Puccinelli Orlandiet al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp.
- Pêcheux, M.; e Fuchs, C. (2010). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In.: GADET, Françoise e HAK, Tony. (Orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp.
- Planalto, P. (2020). Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE>. Acesso em: 22 jul. 2021.

ANEXO

Corpus

Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, numa operação coordenada pelos ministérios da Defesa e das Relações Exteriores, surgiu para nós um sinal amarelo. Começamos a nos preparar para enfrentar o coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil.

Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de combate ao vírus fosse construído e, desde então, o doutor Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas. Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria. E, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos.

Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro chefe o anúncio de um grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. Um cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país.

Contudo, percebe-se que, de ontem para hoje, parte da imprensa mudou seu editorial. Pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom. Parabéns, imprensa brasileira. É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam, entre nós.

O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos.

O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transporte, o fechamento de comércio e o confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se

contamine. Devemos, sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós. Respeitando as orientações do Ministério da Saúde.

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão.

Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre este remédio fabricado no Brasil e largamente utilizado no combate à malária, aos lúpus e a artrite.

Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura desta doença.

Aproveito para render minha homenagem a todos os profissionais de saúde. Médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores que, na linha de frente nos recebem nos hospitais. Nos tratam e nos confortam. Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o princípio, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo neste novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande Nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos, Deus abençoe nossa pátria querida. (PLANALTO, 2020)